

# Gaza: de sinônimo de conflito a veio para a liberdade

Festivais no Cairo e em Marrakech celebram a produção audiovisual da Palestina, que ganha espaço nas páginas da mítica revista 'Cahiers du Cinéma' enquanto se impõe para o Oscar



Por Rodrigo Fonseca Especial para o Correio da Manhã

**A** pergunta que inspira a capa da edição de novembro da mística revista "Cahiers du Cinéma", relativa aos conflitos em Gaza – "E agora, o que faz o audiovisual?" – ganhou mais pertinência após o pedido feito na última terça-feira pelo primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu: que o Hamas seja expulso da região. Essa demanda foi apresentada depois de o Conselho de Segurança da ONU endossar o plano do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, para acabar com a guerra que oferece anistia ao grupo militante. A tensão só aumenta por lá, frente a uma taxa de mortos assombrosa. A comunidade cinematográfica internacional reage a essa tragédia com apoio e endosso a filmes como "A Voz de Hind Rajab", da tunisiana Kaouther Ben Hania. Ela encerra o Festival do Cairo deste ano, a recriar a luta de uma garotinha, apanhada no fogo cruzado em solo palestino, para sobreviver. A menininha não teve êxito em seu combate pessoal. Já suas palavras - registradas numa troca telefônica com voluntários de uma central de assistência às vítimas do conflito no Oriente Médio, em 2024 - hoje, ganham o mundo, numa peleja póstuma dessa criança, que vira um mártir. O longa levou o Grande Prêmio do Júri em Veneza e a láurea de Júri Popular em San Sebastián. Joaquin Phoenix é um de seus apoiadores.

Entre os 14 concorrentes à Pirâmide de Ouro deste ano destacou-se "Era Uma Vez Em Gaza" ("Once Upon a Time In Gaza"), de Tarzan & Arab Nasser. A seção Un Certain Regard do Festival de Cannes deste ano rendeu-se a essa tensa narrativa ambientada na faixa mais quente (em termos de violência) hoje na Terra, e deu a ela a láurea de Melhor

Realização. Não por acaso ela ocupa espaço nobre na "Cahiers", periódico que, desde 1951, ostenta status de Bíblia para a cinefilia.

O enredo dos irmãos Nasser se passa em 2007, quando Yahya, um jovem estudante, faz amizade com Osama, um carismático e generoso dono de restaurante. Juntos, eles passam a vender drogas em meio as entregas

de sanduíches de falafel, mas logo se veem obrigados a lidar com um policial corrupto e seu ego inflado. Uma frase... "Palestina, tudo vai passar!", escrita num trecho climático do longa gerou uma ovAÇÃO na plateia egípcia.

"Muitos filmes usam o 'era uma vez...' num sentido fabular, de conto de fadas, mas nós usamos como Sergio Leone fez em 'Era Uma Vez... No Oeste', para fazer um registro épico", disse Tarzan ao Correio da Manhã, no Cairo.

Na maratona cinéfila do Egito nasceu, também na competição oficial, um .doc que celebra a esperança da Palestina por meio da atividade circense: "One More Show". A

realizadora egípcia Mai Saad uniu forças com o diretor de fotografia e cineasta palestino Ahmed Al Danaf para criar um estudo sobre os aspectos analgésicos da arte em tempos de guerra. Sua investigação se passa em meio à devastação do genocídio perpetrado por Israel em Gaza, onde um grupo de artistas circenses se recusa a deixar o desespero tomar conta do palco, apelando para técnicas de palhaçaria. Vemos a trupe The Free Gaza — formada por Youssef, Batout, Ismail, Mohamed e Just — depois de serem deslocados de um extremo norte para o sul da cidade, enquanto transformam sua arte num ato de resistência e resiliência e esperança.

*A nostalgia dá o tom em 'Yalla Parkour', de Areeb Zuaiter*